

**Célia de Paula Virginio de Oliveira**

**Flávia dos Santos Carlos**

**Jaina Aparecida Sampaio**

**UM ESTUDO SOBRE O AFETO NO ALUNO  
DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Pindamonhangaba – SP**

**2012**



**Célia de Paula Virginio de Oliveira**

**Flávia dos Santos Carlos**

**Jaina Aparecida Sampaio**

**UM ESTUDO SOBRE O AFETO NO ALUNO  
DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientador: Prof. Doutor Alan Ricardo de Souza Araújo.

**Pindamonhangaba - SP**

**2012**

Carlos, Flávia dos Santos; Oliveira, Célia de Paula Virginio de; Sampaio, Jaina Aparecida.

Um estudo sobre o afeto no aluno das séries iniciais do Ensino Fundamental / Célia de Paula Virginio de Oliveira / Flávia dos Santos Carlos / Jaina Aparecida Sampaio / Pindamonhangaba- SP: FAPI – Faculdade de Pindamonhangaba, 2012.

37 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) FAPI – SP.

Orientador: Prof. Dr. Alan Ricardo de Souza Araújo.

1 Afetividade. 2 Emoção. 3 Professor. 4 Aluno. 5 Processo ensino-aprendizagem.

I Um estudo sobre o afeto no aluno das séries iniciais do Ensino Fundamental. II Flávia dos Santos Carlos; Célia de Paula Virginio de Oliveira; Jaina Aparecida Sampaio.



**Célia de Paula Virginio de Oliveira**

**Flávia dos Santos Carlos**

**Jaina Aparecida Sampaio**

**UM ESTUDO SOBRE O AFETO NO ALUNO  
DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Data: \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. \_\_\_\_\_ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a todo educador comprometido com a efetiva aprendizagem de seus alunos, e a valoração humana que se faz necessária em um ambiente de educação formal, uma vez que as crianças carecem, cada dia mais, de carinho, atenção e afeto dispensado por seus educadores e/ou cuidadores.

Célia de Paula Virginio de Oliveira

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e em seguida a minha família que tanto me aturou nos dias de stress de provas, e hoje ,especialmente, à minha filha Manuela, que nascerá “junto a esta monografia”, e que é o real motivo da minha vida.

Flávia dos Santos Carlos

Dedico este trabalho a todo educador que tem a coragem de quebrar paradigmas e de construir uma escola que esteja, de fato, convivendo com cada educando: conhecendo-o, compreendendo-o e acolhendo-o. A toda minha família que esteve do meu lado me apoiando em todo momento, em especial ao Gustavo por me apoiar e me incentivar todos os dias.

Jaina Aparecida Sampaio

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nada seria possível, nem mesmo a vida; agradeço, também, a toda minha família pelo apoio incondicional; ao meu pai, que quando no plano terreno sempre esteve ao meu lado com seu valoroso apoio; e às minhas colegas de jornada acadêmica, pela parcialidade e carinho dispensados durante o decorrer do curso.

Célia de Paula Virginio de Oliveira

Agradeço a Deus pela vida e pela força, aos meus pais e minha irmã pela compreensão, atenção, paciência, carinho, amor e patrocínio. Ao meu namorado, pai da minha filha, pela atenção, compreensão, carinho, afeto, paciência e pelo tempo gasto em me levar e buscar da faculdade. Agradeço a todos eles, principalmente, pelo amor de toda vida.

Flávia dos Santos Carlos

Ao nosso amado DEUS, pela dádiva da vida. Por nos dar saúde, força e sabedoria, favorecendo assim a oportunidade de crescermos e alcançarmos nossos objetivos. Sem Ele nada disso seria possível. A minha maravilhosa mãe, de forma especial por toda sua dedicação, ensinamentos e amor incondicional, e a minha filha que é motivo de muita alegria e incentivo em minha vida.

Jaina Aparecida Sampaio

Finalmente, agradecemos ao nosso mestre Doutor Alan Ricardo de Souza Araújo que nos acompanhou ao longo dos quatro anos do curso de Pedagogia e, ainda nos agradeceu com a sua valiosa orientação para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Célia, Flávia e Jaina

“É a afetividade que possibilita o avanço no campo intelectual, pois são os motivos, necessidades e desejos, que dirigem o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior”. (WALLON apud GALVÃO, 1995, P.61)

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel da afetividade na relação professor e aluno, e como ela contribui para a aquisição do conhecimento das crianças matriculadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Importante destacar que o afeto, o carinho dos mestres para com seus pupilos no ambiente escolar, pode contribuir para o sucesso do processo ensino-aprendizagem. Por isso, a razão de ser desta pesquisa se deve ao fato de entender que a criança possui uma forte ligação afetiva com seus mestres da Educação Infantil, e ao ingressar no Ensino Fundamental há uma mudança de postura do professor para com seu aluno; e essa mudança de comportamento do docente, pode gerar, na criança, uma inibição ou dificuldade na aquisição do conhecimento. E, sendo o professor um mediador no processo educativo e corresponsável na formação pessoal e social da criança, se faz necessário a demonstração de gesto afetivo, de forma a dar mais segurança para os alunos, visando uma efetiva aprendizagem.

Palavras – chave: Afetividade. Emoção. Professor. Aluno. Processo ensino–aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 O AMBIENTE EDUCACIONAL E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA.....</b>	<b>10</b>
2.1 A AFETIVIDADE E O AMBIENTE ESCOLAR.....	11
2.2 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM SEGUNDO WALLON E PIAGET.....	12
2.3 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: DIFERENTES CONCEPÇÕES.....	15
<b>3 CONCEITUANDO O TERMO AFETIVIDADE.....</b>	<b>18</b>
3.1 DISCUTINDO A DEFINIÇÃO DE AFETIVIDADE E O SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	18
3.2 A PSICOGÊNESE DO AFETO .....	20
3.3 TEORIA PSICOGENÉTICA DE WALLON.....	20
3.4 CARACTERÍSTICA DO COMPORTAMENTO EMOCIONAL.....	22
3.5 A CONSTRUÇÃO DO “EU” .....	22
3.6 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: O PAPEL DO PROFESSOR.....	23
<b>4 LEGISLAÇÃO E AFETIVIDADE.....</b>	<b>26</b>
4.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL – CF/88.....	26
4.2 ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE.....	27
4.3 LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	27
4.4 PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO.....	28
4.5 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.....	29
<b>5 PROBLEMAS EMOCIONAIS.....</b>	<b>31</b>
5.1 EQUILÍBRIO AFETIVO.....	31
5.2 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO.....	32
5.3 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO E A AFETIVIDADE.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Faz parte da natureza humana, emoção e sentimentos afetivos oriundos de relações interpessoais, que se iniciam primeiramente entre mãe e filho, e que implicam diretamente na formação cognitiva da criança. Este trabalho de pesquisa, procurou demonstrar a importância do afeto nas relações interpessoais da criança, tanto no seio familiar como no social.

No processo ensino–aprendizagem, o afeto não pode ser visto como um simples elemento, mas como um importante componente da estrutura curricular educacional; isto porque, a afetividade contribui para o aprendizado e o desenvolvimento da personalidade e comportamento da criança, sobretudo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, que é a base de sua formação acadêmica.

Em relação à aprendizagem, o ambiente escolar constitui um rico espaço para o desenvolvimento da inteligência e relação inter e intrapessoal da criança, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, e o professor pode contribuir nas atitudes e condutas do aluno, auxiliando-o a identificar valores indispensáveis ao comportamento ético e moral, responsabilidade e respeito necessários à vida em sociedade.

A relação afetiva entre educador e educando e todos os demais envolvidos no processo educacional, é muito importante, visto que o professor é o mediador no processo educativo e corresponsável na formação pessoal e social da criança. Como emoção e sentimento são indissociáveis, cabe ao mestre procurar conhecer seu pupilo e o meio em que este vive, para que o desenvolvimento cognitivo ocorra de forma natural, num ambiente cercado de carinho e atenção. Assim, a base do conhecimento adquirido poderá ter forte influência em toda a vida da criança.

A escolha do tema “afetividade e a relação professor e aluno”, se deve pelo fato de que por mais sofisticadas que sejam as teorias e técnicas pedagógicas, a escola e o educador não podem prescindir da natureza do objeto de seu trabalho, que é o ser humano. Essa dimensão humana, afeto e emoção, essencial nas atividades educativas, nem sempre são consideradas pelas escolas e professores, num mundo em que os recursos técnicos se sobrepõem aos sentimentos e aos anseios mais simples; e, ao observar com bastante atenção, o ambiente educacional, será possível constatar que as relações afetivas podem fazer a diferença entre fracasso e sucesso, na vida escolar de qualquer educando.

Tendo como base a pesquisa bibliográfica com foco no tema afetividade, sentimento e emoção, as contribuições do grande médico e psicólogo Wallon que, há mais de um século já se preocupava com o bem estar da criança e sua formação, entendendo que educar é muito

mais que mediar conhecimentos e desenvolver habilidades. Educar é possibilitar a vivência de um processo em que cada educando possa se desenvolver integralmente nas suas dimensões cognitivas, pessoal e social, e para que isso aconteça, a criança deve ser tratada de maneira afetuosa, tanto na forma de planejar o curso, como no processo de ensino e sistema de avaliação.

Para melhor sistematizar este trabalho pesquisa, ele foi organizado em quatro sessões: na primeira, estabelece a relação entre a afetividade no ambiente escolar e no processo ensino-aprendizagem, e a afetividade na visão de Wallon, reforçada por outros autores de excelência; na segunda, discute o conceito de afetividade, a psicogênese do afeto, e a dimensão do afeto na relação professor e aluno; na terceira, é feita uma abordagem dos preceitos legais e a educação; e na quarta sessão, ressalta-se o papel do professor, no quesito relações afetivas, na aprendizagem das crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, reputa-se importante discutir a questão da afetividade como aspecto essencial no processo ensino-aprendizagem e na relação professor e aluno. Não se trata, porém, de considerar o tratamento afetivo como uma “solução” para os problemas do ensino; trata-se de colocar em destaque a natureza humana, carente de atenção, respeito, solidariedade e, principalmente, amor. Dentro do tema afetividade, portanto, oferecer uma relação afetiva na educação é levar em conta a pessoa na sua integralidade.

## 2 O AMBIENTE EDUCACIONAL E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Falar que a escola deve proporcionar formação integral (intelectual, afetiva e social) às crianças é comum hoje em dia. No início do século passado, porém, essa idéia foi uma verdadeira revolução no ensino, comandada por um médico, psicólogo e filósofo francês chamado Henry Wallon. Sua teoria pedagógica ao afirmar que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro, abalou as convicções numa época em que memória e erudição eram o máximo em termos de construção do conhecimento.

A escola, neste contexto, pelo fato de ser uma instituição educacional formal tem responsabilidade na formação do sujeito porque é um meio funcional de desenvolvimento, assim como a família, embora ocupe posições diferenciadas na constituição do indivíduo, cada um no seu papel e lugar determinado no conjunto. Para se instruir, a criança deve frequentar a escola, e familiarizar-se com um novo tipo de disciplina e de relações interpessoais, e para Mahoney e Almeida (2000, p. 79) a função da instituição educacional é “... preparar a criança para a sua emancipação futura”.

Isso leva a considerar que, a escola deve ser um ambiente favorecedor da aprendizagem mediante um processo em que o aluno adquira informações, habilidades, atitudes e valores a partir de seu contato com a realidade escolar. E, embora a afetividade esteja sempre presente nos tratados sobre educação, na realidade nem sempre foi considerada como fator realmente primordial, e nem contemplada efetivamente nos projetos educacionais oferecidos à população. A afetividade colocada em destaque, talvez possa ajudar a superar graves problemas dentro e fora da escola, tais como rejeição a determinadas matérias, violência e comportamentos agressivos. Por outro lado, deverá favorecer atitudes de respeito, de fraternidade, de solidariedade, de cooperação e de convivência positiva com as diferenças.

As problemáticas que atualmente envolvem as escolas são de natureza muito distinta, uma vez que a escola está inserida na sociedade, e o que tem realmente que se levar em conta é o núcleo dessa questão: “o ser humano”.

A escola como instituição gerenciadora do processo ensino aprendizagem de forma sistemática está sempre buscando algum apoio que lhe permita respirar mais aliviada diante de sua missão. É nesse contexto tão complexo, que novos recursos e metodologias devem ser analisados e avaliados, sempre no desejo de melhorar os resultados e, principalmente, oferecer melhor atendimento aos educandos.

## 2.1 A AFETIVIDADE E O AMBIENTE ESCOLAR

Discutir a questão da afetividade no ambiente escolar como aspecto essencial no processo ensino-aprendizagem e na relação professor e aluno, é colocar em destaque a natureza humana. Dentro do tema afetividade, pode-se considerar que oferecer uma relação afetiva na educação, é levar em conta a pessoa na sua integralidade.

Um ambiente quando é cercado de carinho e atenção dos mestres para com seus pupilos, contribui para que o desenvolvimento cognitivo da criança ocorra de forma natural. A relação afetiva entre educador e educando, e todos os demais envolvidos no processo educacional é muito importante, visto que o professor é o mediador no processo educativo e corresponsável na formação pessoal e social da criança. Neste sentido, a afetividade no ambiente de aprendizagem não se trata somente de troca de amabilidades, mas do exercício contínuo do amor ao outro, no ato generoso e humilde na mediação da aquisição do conhecimento, e a consequente assimilação da resposta do outro, dentro dos preceitos de civilidade, respeito e afeto.

No contexto das pesquisas educacionais, um aspecto que vem adquirindo importância crescente é a questão da dimensão afetiva e o seu papel nas relações entre professor e aluno na aprendizagem das crianças no início do Ensino Fundamental. Embora o assunto afetividade nas relações educacionais não seja um tema novo, existe uma nova ênfase nesse fator humano que é cada vez mais entendido como um aspecto fundamental na educação escolar, como destaca Tardif (2005, p. 31) “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos.”

Se faz parte da natureza humana emoção e sentimentos afetivos oriundos de relações interpessoais da criança, tanto no seio familiar como no intelectual e social, para o sucesso no processo ensino aprendizagem, o afeto precisa estar presente não como um simples elemento, mas como um importante componente da estrutura curricular educacional. Pois, a afetividade demonstrada na emoção contribui para o aprendizado, desenvolvimento da personalidade e comportamento da criança nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

De acordo com a teoria Waloniana a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo. É a partir da organização do contato com o outro e o estreitamento do vínculo, especialmente no ambiente escolar, que os estímulos cognitivos e afetivos são extremamente importantes na construção do sujeito. Portanto, uma relação afetiva, entre professor e aluno, poderá trazer enorme contribuição para a educação.

Pode-se afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno como objeto do conhecimento, como também afeta a sua autoestima, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em sua capacidade de tomada de decisões (ALMEIDA, 1993).

Almeida (1993) afirma que o desenvolvimento do indivíduo não depende apenas do aspecto orgânico, mas principalmente da qualidade das interações que mantém com o meio em que vive, e que são as relações afetivas que medeiam a interação dos dois componentes do desenvolvimento humano: o orgânico e o social. Quando a ação afetiva permeia todo o processo educacional, pode resultar na tão recomendada formação de cidadão mais feliz.

Dentro desse contexto, a atuação do docente é o centro da questão afetividade, e dependendo do engajamento do professor, um projeto de melhoria pode ser o sucesso ou o fracasso. Não que o professor seja o único responsável pela mudança na escola, mas qualquer projeto dentro da educação tem que contemplar melhores condições de formação e trabalho para os docentes, visto que ele é o mediador no processo ensino aprendizagem do aluno.

## 2.2 AFETIDADE E APRENDIZAGEM SEGUNDO WALLON E PIAGET

Wallon foi o primeiro a levar não só o corpo da criança, como também suas emoções para dentro da sala de aula. Fundamentou suas idéias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Militante apaixonado (tanto na política como na educação), dizia que reprovar é sinônimo de expulsar, negar, excluir. Ou seja, “a própria negação do ensino”.

As emoções, para Wallon, têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino.

Segundo Wallon (1992 apud La TAILLE, p. 87) a criança constrói o seu conhecimento, e a afetividade ocupa um ponto central em que toda demonstração afetiva traz a emoção, que por sua vez resulta em uma manifestação orgânica, do tipo mecânico-muscular. Wallon não separou o aspecto cognitivo do afetivo. Seus trabalhos dedicam grande abertura às emoções como constituição intermediária entre o corpo, sua fisiologia, seus reflexos e as condutas psíquicas de adaptação. A atuação está intimamente ligada ao movimento, e as

posturas são as primeiras figuras de expressão e comunicação que servirão de base ao pensamento concebido, antes de tudo, como uma das formas de ação.

Segundo Dantas (1992, p.90)

a história da construção da pessoa será constituída por uma sucessão pendular de momentos predominantemente afetivos ou predominantemente cognitivos, não paralelos, mas integrados. Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa.

Considerando que a afetividade antecede as funções das estruturas cognitivas, possibilita a compreensão de que os estágios da afetividade correspondem detalhadamente aos estágios de desenvolvimento da inteligência, ou seja, são correspondentes e não sucessivos. Outro pensador que subsidia a importância da afetividade como conteúdo efetivo para as relações intelectuais é Jean Piaget.

Segundo Piaget (1996), há uma interligação estreita entre as atividades intelectuais e afetivas, de forma que ambas fazem parte de um conjunto integrado como uma engrenagem, pois uma alavanca a outra num ciclo contínuo.

Piaget foi um dos primeiros autores que questionou as teorias que tratavam a afetividade e a cognição como aspectos funcionais separados. Em trabalho publicado a partir de um curso que ministrou na Sorbonne, ele adverte sobre o fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. Ele postulou que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por energética, que é a afetividade (ARANTES, 2007).

De acordo com Piaget, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos de adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao self (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto que na acomodação, a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno).

Na ótica piagetiana, o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, pois segundo Piaget (1977, p.16):

a vida afetiva e cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização [...] assim é que não se poderia raciocinar,

inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão [...] o ato de inteligência pressupõe, pois, uma regulação energética interna (interesse, esforço, facilidade).

Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Na relação do sujeito com os objetos, e das pessoas consigo mesma, existe uma energia que direciona seu interesse para uma situação ou outra, e a essa energética corresponde uma ação cognitiva que organiza o funcionamento mental. Nessa linha de raciocínio, diz Piaget, “é o interesse e, assim, a afetividade que faz com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar” (apud ARANTES, 2007).

Complementando, todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo em que são objetos de conhecimento, são também de afeto.

No transcorrer de seu trabalho, Piaget incorpora outro tema na relação entre a afetividade e a cognição, que são “os valores”. Ele considera os valores como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano, e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Eles surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito. Os valores se originam, assim, do sistema de regulações energéticas que se estabelece entre o sujeito e o mundo externo (desde o nascimento), a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo.

Na perspectiva de Piaget (PIAGET, 1977) é irrefutável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação e, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência, mas, também não é suficiente. Ainda, define a afetividade como todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não racionais (razão), sendo o afeto um elemento indiferenciado do domínio da afetividade.

Para Piaget (idem, 1977) o afeto é uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo, ou seja, as condutas humanas têm como mola propulsora o afeto, e a estrutura de como elas são e funcionam constitui o elemento intelectual. Portanto, pode-se concluir que a afetividade do professor para com seu aluno desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, e no processo cognitivo da criança nas series iniciais do Ensino Fundamental.

### 2.3 AFETIDADE E APRENDIZAGEM: DIFERENTES CONCEPÇÕES

A aprendizagem como processo que acompanha o ser humano em todas as etapas de sua vida, envolve algumas variáveis tanto de fatores orgânicos como psíquicos, que vão agir de forma integrada nas atuações sociais de cada indivíduo.

Antes de considerar a afetividade como um dado de imensa relevância no processo ensino aprendizagem, em qualquer de suas fases ou modalidades, será feita a discussão sobre o papel das emoções e comportamento emocional que estão presentes nas relações humanas. Para tanto, há fundamentações em autores de excelência, e que são considerados referência em discussões sobre o desenvolvimento humano.

Almeida (1993) destaca que Wallon traz contribuições importantes para a compreensão do papel da afetividade no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, e trata a dimensão afetiva como ponto extremamente importante em sua teoria psicogenética. Enfatiza a dimensão afetiva, pouco considerada nas teorias da aprendizagem, mas responsável pela evolução cognitiva e integral da criança. Na teoria walloniana, portanto, a afetividade precede toda a formação sensória motora e mental, acompanha e orienta as relações do sujeito com o mundo.

Segundo Galvão (1995), que também baseia sua análise nas teorias de Wallon, a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico, e as teorias clássicas sobre as emoções baseiam-se numa lógica mecanicista e não são capazes de compreendê-las em toda a sua complexidade.

Nessas teorias distinguem-se duas tendências: a primeira vê as emoções como reações incoerentes e tumultuadas, com efeito desagregador e perturbador sobre a atividade motora e intelectual; a segunda tendência destaca o poder ativador das emoções, considerando-as como reações positivas, que são acompanhadas de uma descarga de adrenalina na circulação e do aumento da quantidade de glicose no sangue e nos tecidos. Conclui-se, portanto, que as emoções provocam aumento de disponibilidades energéticas, o que para os adeptos desta abordagem, útil para a ação sobre o mundo físico.

Wallon, segundo Galvão (1995), não tenta estabelecer uma escala de valores positiva ou negativa de emoções, a sua busca foi por compreendê-las, tentando elucidar sua função. Ao contrário das teorias clássicas, oferece uma nova visão de que as emoções são reações organizadas que se manifestam sob a ação do sistema nervoso central, contando com seus próprios centros de comando, situados na região sub-cortical, isso implica que possuem uma

função determinada; caso assim não fossem, não teriam centros nervosos responsáveis pela sua origem e organização.

As emoções, os sentimentos e os desejos são exteriorizações da atividade afetiva que está no complexo sistema vital de todo indivíduo. Emoção e afetividade não são vocábulos sinônimos, mas termos que se referem a fenômenos distintos. A afetividade abrange um conceito mais amplo, no qual se inserem várias manifestações, entre elas as emoções. As emoções apresentam suas próprias, e bem definidas características, envolvendo alterações orgânicas que as diferenciam de outras manifestações afetivas.

As características mais comuns das emoções são: aceleração dos batimentos cardíacos, alterações no ritmo respiratório, dificuldade na digestão, secura na boca, alterações do tônus muscular com o aparecimento de tremores, entre outras. Além dessas manifestações físicas, as emoções alteram as expressões faciais, a postura e a gesticulação.

Por virem acompanhadas de manifestações expressivas e perceptíveis exteriormente, as emoções possuem um caráter altamente contagioso e um forte poder mobilizador, quando manifestas dentro de um grupo.

Segundo Wallon (1995, apud GALVÃO, p. 63-64):

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como origem da consciência, visto que exprimem e fixam o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, ela só será o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundi-los e do qual receberá as fórmulas da ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seria impossível efetuarem as distinções necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo.

A análise walloniana apresenta como destaque o componente corporal das emoções, que segundo Dantas (1992, p.87) “Wallon identifica emoções de natureza hipotônica, isto é, redutora do tônus, tais como o susto e a depressão. Outras emoções são hipertônicas, geradora de tônus, tais como a cólera e a ansiedade, capazes de tornar pétrea a musculatura periférica”. Uma importante característica da função tônica é que a pessoa percebe suas variações tônicas no momento em que elas ocorrem, ou seja, as alterações tônicas do estado emocional são consideradas como origem da consciência.

Como o homem é um ser essencialmente social, e carente de manifestações afetivas em relação ao outro de seu convívio, quer seja familiar ou social, conclui-se que tanto Piaget quanto Wallon comungam da mesma opinião em relação ao tema afetividade e sua influência no processo ensino-aprendizagem.

Neste sentido, a sala de aula torna-se uma oficina de convivência, e o professor é o profissional das relações. Este é um imperativo de sua prática. Cabe, portanto, ao professor promover um ambiente propício para o desenvolvimento do educando, de forma que o aluno fortaleça sua autoestima e tenha confiança em si e nos outros. Assim fortalecidos, professor e aluno serão solidários nas relações de educador e educando, e parceiros na construção do conhecimento.

### 3 CONCEITUANDO O TERMO AFETIVIDADE

A palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. Segundo Larousse (1995), o verbete afetividade está ligado à psicologia, e é entendido como “um conjunto de fenômenos psíquicos que manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”.

Segundo Almeida (1993), a área de estudos do ser emocional utiliza-se de uma terminologia em que os termos e significados nem sempre estão claros e o que se nota é uma grande variedade de respostas, dependendo do autor e do idioma considerado. Por exemplo, em português, o termo mais amplo é afetividade; já em inglês é emoção. Almeida usa o termo sentimento como o mais abrangente, que engloba, ao mesmo tempo, a experiência afetiva e a significação cognitiva numa unidade indivisível (ALMEIDA, 1993, p.68).

Mahoney e Almeida (2000, p. 17) destacam que a afetividade refere-se “a capacidade, a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis.” Na evolução da afetividade podem ser destacados três momentos: a emoção que é a sua expressão corporal e motora; o sentimento, que é a expressão representacional; e a paixão, que revela o aparecimento do autocontrole.

#### 3.1 DISCUTINDO A DEFINIÇÃO DE AFETIVIDADE E O SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Ao discutir o papel da afetividade no desenvolvimento, Dantas (1992) destaca que há uma evolução na afetividade, e que conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade: “as manifestações epidérmicas da ‘afetividade da lambida’ se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade” (DANTAS, 1992, p.75).

Autores como Fernandez (1991), Dantas (1992), Freire (1995), Codo e Gazzoti (1999), defendem que o afeto é indispensável na atividade de ensinar, e entendem que as relações entre o ensino e a aprendizagem (professor e aluno), são mediadas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem.

Apesar da terminologia (afeto/emoção/carinho) haver variação semântica ao longo do tempo, os fenômenos afetivos têm se destacado com clareza em experiências subjetivas nas partes envolvidas no processo ensino aprendizagem, que revelam a forma como cada sujeito é atingido pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo sentido que tais acontecimentos o afeta. Assim sendo, parece mais adequado entender o aspecto afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam.

A afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir de determinadas situações. Segundo Piaget, a afetividade é um estado psicológico que tem grande influência no comportamento, no aprendizado e no desenvolvimento cognitivo das crianças. A presença ou ausência do afeto determina a autoestima e a forma como uma criança se desenvolverá, pois ao receber afeto seu desenvolvimento pessoal e cognitivo se dará com segurança e determinação.

Para Wallon, a presença de afeto no estudo da criança, exige uma observação do meio ou dos meios em que ela se desenvolve. Esclarece ainda, que meio é o conjunto mais ou menos duradouro das circunstâncias onde se dá o desenvolvimento da criança: o meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder às suas necessidades e aptidões sensório-motoras e psicomotoras. Os meios em que vive a criança e aqueles com que ela sonha, constituem a forma que amolda sua pessoa.

A teoria psicogenética de Wallon dá uma importante contribuição para a compreensão do processo de desenvolvimento e também contribuições para o processo ensino-aprendizagem. Dá subsídios para compreender o aluno e o professor, a interação entre eles e a presença da afetividade.

Tudo é aprendido e aprimorado, a afetividade também. Além disso, se existe um período na vida (o primeiro ano) em que ela é comportamento predominante, certamente ela deve ter uma função específica. É, pois pela análise genética que deve ser buscada a compreensão do significado da emoção.

Segundo Dantas (1992), ao dirigir o foco de sua análise para a criança, Wallon revela que é na ação sobre o meio humano, e não sobre o meio físico, que deve ser buscado o significado das emoções.

Portanto, é a afetividade que confere o modo de relação do indivíduo à vida e será através da tonalidade desse estado de ânimo que a pessoa perceberá o mundo. Desta forma, direta ou indiretamente, a afetividade exerce profunda influência sobre o pensamento, desenvolvimento e sobre toda a conduta do indivíduo.

### 3.2 A PSICOGÊNESE DO AFETO

O afeto usado como estratégia para o rendimento escolar tem resultado positivo no processo ensino aprendizagem e no desenvolvimento de responsabilidade centrada na tomada de decisões. A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta e nem permanece imutável, mas evoluem ao longo do desenvolvimento da criança, pois à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

La Taille (1992) discorrendo acerca dos pensamentos de Piaget, Vigotsky e Wallon sobre o desenvolvimento emocional na escola, faz a seguinte leitura: em Piaget é o afeto que impulsiona as ações e a razão está a serviço deste sentimento, é o que leva a criança a ter um juízo de valor, fazendo o que é certo ou errado, o que é moral ou não. É uma construção psicológica de deduções lógicas, em que a “moral desempenha papel análogo em relação à vida afetiva [...] a afetividade torna o mundo mútuo possível de ser seguido na prática” (La TAILLE, 1992, p. 67 e 73).

Já para Vigotsky, o afeto e o intelecto se desenvolvem em uma influência mútua, inter-relacionado. É através da relação afetiva que a inteligência da criança se desenvolve; é, portanto, um processo dinâmico. Então, é possível observar que, a teoria de Vigotsky se aproxima das tendências educacionais contemporâneas (La TAILLE, 1992).

E, finalmente, em Wallon, a afetividade traz manifestações somáticas, que é pura emoção, e a troca afetiva depende da presença do outro, e que é através da interação que o outro se constrói.

Em sua teoria, Wallon considera o primeiro e mais forte vínculo afetivo da criança, o vínculo materno, tendo ligação, portanto, com a vida orgânica. Na teoria walloniana, o psiquismo é uma síntese entre o orgânico e o social, quando emoção e afeto se transformam em modulação muscular, controles cerebrais e agentes químicos. Na análise de Wallon a respeito do afeto e emoção, ele apresenta três diferentes entradas, sendo uma de natureza química, outra de mecânica muscular e a representacional, de natureza abstrata.

### 3.3 TEORIA PSICOGENÉTICA DE WALLON

Wallon, segundo Galvão (1995), autor da Teoria Psicogenética, estuda a integração organismo-meio e a integração dos conjuntos funcionais afetividade e inteligência, focado nas origens da gênese dos processos psíquicos, e propõe um estudo integrado do desenvolvimento entre afetividade, motricidade e inteligência, como campos funcionais do desenvolvimento da criança. A teoria de desenvolvimento de Henri Wallon é um instrumento que pode ampliar a

compreensão do professor sobre as possibilidades do aluno no processo ensino-aprendizagem. E fornece elementos para uma reflexão de como o ensino pode criar intencionalmente condições para favorecer esse processo, proporcionando a aprendizagem de novos comportamentos, novas idéias e novos valores.

Na Teoria Psicogenética, Wallon estuda a criança contextualizada nas relações com o meio, num processo dinâmico de mutações constantes e a necessidade do afeto para a evolução do indivíduo, interagindo com novos desafios e aprendizados. O autor identifica como domínios funcionais as etapas percorridas pela criança na afetividade, no ato motor e no conhecimento ou cognição. Para Wallon (1995) a inteligência é um instante que é colocada a disposição da criança e que se amplia. Para ele sujeito e objeto, afetividade e inteligência, vai se desenvolvendo constantemente, alternando-se na preponderância do consumo de energia psicogenética.

Wallon dividiu a sua teoria nas diversas fases de formação da criança. Primeiramente tem a fase com predominância nas relações emocionais com o ambiente que cerca a criança, é a fase da construção do sujeito, quando o trabalho cognitivo está latente e ainda indiferenciado da atividade afetiva. Depois o momento da preparação das condições sensório-motoras (olhar, pegar, andar), ocasião em que a inteligência poderá dedicar-se a construção da realidade, chamado por Wallon de “inteligência prática ou de situações”. Ainda há outra fase, na qual a criança confirma uma nova forma de relação com o real, através da fala e condutas representativas, quando emancipará a inteligência do quadro perceptivo imediato, e se apoiará, por muito tempo nos gestos, projetando-se em atos, denominados por Wallon de “projetiva”.

Com a função simbólica e a linguagem, o pensamento discursivo, mantendo uma relação de construção recíproca, isto por volta dos cinco anos, o chamado sincretismo, que junto com os anos pré-escolares a criança se ocupará da tarefa de reconstruir o “EU” no plano simbólico – uma nova superação do sincretismo.

É, portanto, possível observar, na teoria psicogenética de Wallon, que no início da vida a afetividade e a inteligência está unida, com predominância da primeira. Com o passar do tempo, a afetividade refluí para dar espaço à intensa atividade cognitiva, assim a maturação põe em ação o equipamento sensório-motor necessário à exploração da realidade (La TAILLE, 1992). A partir daí a história da construção da pessoa oscila entre momentos dominantes afetivos e outros cognitivos, não paralelas, mas integradas entre si, e isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa.

### 3.4 CARACTERÍSTICA DO COMPORTAMENTO EMOCIONAL

A fase emocional da infância tem relação com a história da espécie humana, e no vínculo, quando o contágio afetivo cria uma poderosa conexão para ações comuns e instrumentos intelectuais. As emoções e sentimentos, na medida em que a criança amadurece e passa a viver em diferentes grupos sociais, tornam-se mais complexos, através de experiências com outras crianças, ou através de observação dos adultos.

No comportamento de uma criança nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a afetividade é um componente permanente da ação que resulta em uma emoção, que transforma a pessoa num estado de serenidade e contagia quem está por perto. Segundo Wallon (GALVÃO, 1995), a educação da emoção deve estar incluída entre os propósitos da ação pedagógica, para que o mediador no processo ensino-aprendizagem conheça bem o seu aluno e o sentimento que poderá auxiliá-lo na eficácia do funcionamento cognitivo.

Chamou a emoção de atividade próprio-plástica, pois “o caráter altamente contagioso da emoção vem do fato de que ela é visível, abre-se para o exterior através de modificações na mímica e na expressão facial [...] a emoção esculpe o corpo, imprime-lhe forma e consistência” (GALVÃO, 1995, p. 89). As variações tônicas e a função postural estão ligadas e refletem o curso do pensamento e a atividade intelectual.

A atividade social e emoção nutrem-se do efeito que causa no outro, e por causa do seu poder contagiante, as emoções propiciam relações inter individuais nas quais se diluem os contornos da personalidade de cada pessoa, isto nas sociedades primitivas tinha, uma importância decisiva na coesão do grupo social (WALLON, 1986, p.64).

### 3.5 A CONSTRUÇÃO DO “EU”

A construção do “EU” tem suas raízes em uma etapa orgânica e é um processo inacabado, pois persistirá sempre, dentro de cada um, e que Wallon chamou de “fantasma do outro”, uma vez que são muitas as necessidades a serem atendidas, orgânicas e afetivas, através da manipulação da realidade e a estimulação da função simbólica, depois da construção de si mesmo.

A construção do sujeito se faz pela interação com os outros sujeitos, e dessa reciprocidade se dá a cada elaboração do conhecimento. Wallon admite a existência de fases de predominância afetiva e de predomínio da inteligência. A primeira fase refere-se ao recém nascido que está primordialmente ocupado com o “seu EU” e não com o mundo físico; mas à medida que cresce e com a modificação social do seu entorno, a criança vai desenvolvendo a

sua inteligência dando sinais com movimentos impulsivos e expressivos. Daí a afirmação walloniana de que a inteligência não se dissocia da afetividade (La TAILLE, 1992). Wallon em sua teoria chamou de “fantasma do outro”, de sub eu (sous-moi) o processo de construção do EU, uma vez que perdura sempre, dentro de cada um, isto é, a pessoa está em constante transformação e construção, pois nossa existência se pauta na constância e não na inércia.

Galvão (1995), em relação ao processo de construção do “EU”, relata que Wallon vê o desenvolvimento das pessoas como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva; no “Estágio do Personalismo”, que vai dos três aos seis anos de idade, o ponto central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si ocorre por meio das interações sociais, quando re-orienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas. Galvão diz ainda que, no processo de formação do eu:

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seria impossível efetuar as distinções e classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo. (GALVÃO, 1995).

Portanto, a construção do sujeito, afetividade e cognição se dará por intermédio do convívio e interação com o outro, que garantirá não somente a sobrevivência física, mas também a sobrevivência cultural pela transmissão de valores referente a técnicas, crenças, idéias e afetos predominantes na cultura.

### 3.6 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: O PAPEL DO PROFESSOR

No início da vida da criança, afetividade e inteligência estão unidas, com predomínio da primeira. Com o passar do tempo “a afetividade reflui para dar espaço às intensas atividades cognitivas, assim que a maturação põe em ação o equipamento sensório-motor necessário à exploração da realidade” (La TAILLE, 1992, p. 90).

Considerando os vários autores citados, pode-se observar que é unanimidade a importância das relações afetivas entre professor e aluno, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento e manutenção de autoconceito e autoestima por parte do aluno, e que esses sentimentos refletem diretamente no sucesso ou fracasso escolar.

Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de mediação e produção de conhecimento, pode-se afirmar que as “relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor e aluno, uma ligação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (ALMEIDA, 1993, p. 107).

Disso decorre que o professor, além de sua formação teórica e prática, tem que exercer sua função humana de tratar o educando, tendo em vista sua natureza composta de elementos cognitivos, sociais e principalmente emocionais, sendo que esses últimos determinam, na maioria das vezes, comportamentos adequados ou não. Cabe ao professor essa tarefa grandiosa de “ser humano” e que dele esperam não somente mediação de conhecimentos, mas também uma relação de amor, carinho, compreensão, confiança e estímulo.

É colocado à disposição de qualquer indivíduo, através dos mais diversos meios de comunicação, riquíssimas fontes de conhecimento às quais a maioria da população pode ter acesso, mas a riqueza de relação humana se faz “pessoa a pessoa”, com todos os atributos próprios do ser humano, e isso não se encontra em livros ou na mídia.

É nessa relação tão complexa que se exerce a função do professor, e deve levar em conta que seu trabalho precisa ter uma bagagem afetiva sincera, um compromisso com cada ser humano que lhe é confiado, como sendo único e merecedor de todas as oportunidades para ser melhor a cada dia, não somente no aspecto das aquisições de conceitos e habilidades, mas como uma pessoa mais confiante e mais feliz com a sua trajetória de vida.

Essa ação transformadora passa pela valorização da pessoa, de seus esforços, de suas conquistas, de seus trabalhos, da sua maneira de se relacionar com os outros e com seu meio natural. Cada avanço, por menor que seja se constitui numa vitória e num passo novo em direção a metas que aos poucos vão sendo alcançadas e propiciam ao aluno um sentimento de superação que muito o estimula a prosseguir na sua aprendizagem.

A educação, portanto, deve pautar-se, permanentemente, numa relação de diálogo entre professores e alunos. Paulo Freire (1975, p.83) refere-se à “categoria do diálogo não apenas como método, mas como estratégias para respeitar o saber do aluno que chega à escola”. É preciso que o professor permita ao seu aluno a possibilidade de manifestar-se livremente, expor seus interesses, suas preocupações, seus desejos e sentimentos, sendo tudo isso valorizado e respeitado. Assim o professor poderá identificar as necessidades dos seus alunos no processo de aprendizagem, colocar-se efetivamente ao seu serviço.

Todo educador precisa estar sempre atento à sua postura, visto que ela poderá vir a influenciar a vida escolar do educando, positivamente ou negativamente. Segundo Moyses (1988, p.10) “o aspecto afetivo da educação tem sido um dos fatores, mais negligenciados na prática educacional, a despeito de seu valor reconhecido em termos teóricos”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 101) a aprendizagem significativa depende de uma motivação intrínseca, isto é, o aluno precisa tomar para si a necessidade e a vontade de aprender. A disposição da aprendizagem não depende exclusivamente do aluno, como também da prática didática e afeto, por parte do professor, garanta condições para que essa atitude favorável se manifeste e prevaleça. Isto quer dizer que a falta de afetividade pode contribuir de forma efetiva para consolidar o fracasso escolar do aluno.

Assim, é possível observar as diversas opiniões dos autores aqui citados no que se refere às atitudes do professor dentro da sala de aula, a fim de promover um ambiente mais propício para o desenvolvimento do educando, ou seja, um clima em que a afetividade é um componente muito importante para o sucesso da aquisição do conhecimento no processo ensino aprendizagem.

O professor não pode esquecer-se que toda prática verdadeiramente pedagógica, tem por finalidade o desenvolvimento da pessoa e o fortalecimento do eu. Sua intenção, portanto, é a de levar o aluno a fortalecer sua autoestima, ter confiança em si e nos outros. E, assim fortalecido, poder ser solidário nas relações. Nesse sentido, a sala de aula tem que ser uma oficina de convivência, e o professor, um profissional nas relações. Este é um imperativo de sua prática. Além disso, ele queira ou não, é um modelo para o aluno e como tal será imitado em suas atividades, em suas convicções, em seu entusiasmo.

## 4 LEGISLAÇÃO E AFETIVIDADE

O direito a uma educação de qualidade é o elemento fundamental para a garantia dos direitos humanos e sociais, e condição para o exercício da democracia. A legislação educacional brasileira traduz em um conjunto de preceitos legais sobre o tema educação, com instruções quanto aos procedimentos de formação que se dá não apenas nas instituições educacionais, mas também ocorrem em outras instâncias culturais como a família, a igreja, as associações e os grupos comunitários.

Aranha (1989, p. 178) apud Horace Man, revela que “a educação, mais que qualquer outro instrumento de origem humana, é a grande igualadora das condições entre os homens”. Neste sentido, a educação integral será proporcionada pela escola, pela família e pela sociedade.

A educação integral se caracteriza pela idéia de uma formação mais completa para as crianças, adolescentes e jovens, e há pressupostos legais em vários ordenamentos jurídicos, desde a Carta Magna (CF/88) até as leis menores. O artigo 205 da CF/88, por exemplo, determina que a “educação, direito de todos é dever do Estado e da família, e será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade”; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei 8069/90, em seu artigo 53 expressa a obrigatoriedade do acesso e permanência na escola e, ainda, reconhece que o desenvolvimento integral da criança e do adolescente requer uma formação específica; a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (LDB) – Lei 9394/96, em seu artigo 2º reitera todos os princípios constitucionais; o Plano Nacional da Educação (PNE) – Lei 10172/2001, estabelece a educação como possibilidade de formação integral da pessoa, e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) têm a estrutura organizacional pautada nos objetivos gerais da educação infantil, ensino fundamental e médio, e estabelece, ainda, as capacidades relativas aos aspectos cognitivos e afetivos.

Portanto, os preceitos e ordenamentos jurídicos da educação brasileira são responsáveis pela organização e funcionamento do sistema escolar. É vital, na escola, viabilizar uma educação de qualidade e garantir a aprendizagem, permeada pela dimensão social, intelectual e afetiva.

### 4.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL – CF/88

A educação básica é declarada, em nosso ordenamento jurídico maior – CF/88, como direito do cidadão e dever do Estado, e assegura ainda a igualdade de condições para o acesso

e permanência na escola, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar toda a produção artística e intelectual.

De acordo com o Título II da CF/88, que trata dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo I dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, em seu artigo 5º (1996, p.5) expressa que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...”; e no Capítulo II, que trata dos Direitos Sociais, em seu artigo 6º (1996, p.12) “são direitos sociais a educação”.

No Título VIII da CF/88, trata da Ordem Social, no Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, na Seção I – Da Educação, prescreve em seu artigo 205 (1996, p.108) que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”; no artigo 206, da mesma lei, estabelece que a educação deve ser ministrada em princípios iguais de condições para o acesso e permanência na escola, e no artigo 208 assegura como dever do Estado, a educação básica obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade.

#### 4.2 ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8069/1990, garante que todas as crianças e adolescentes, independentemente de cor, etnia ou classe social, sejam tratados como pessoas que precisam de atenção, proteção e cuidados especiais para se desenvolverem e serem adultos saudáveis.

De acordo com o artigo 53 da Lei 8069/1990 (2008, p. 18) “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”, e o artigo 4º (2008, p. 4), da mesma lei, prescreve que a garantia desse direito é dever do poder público, da família, da sociedade e da comunidade em geral.

#### 4.3 LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Baseada no princípio do direito universal da educação para todos, a Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, sancionada pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso e pelo Ministro da Educação Paulo Renato em 20 de dezembro de 1996, trouxe diversas mudanças em relação às leis anteriores, e a inclusão da educação infantil (creches e pré-escolas) como primeira etapa da educação básica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, “disciplina a educação escolar, que se desenvolve em instituição própria e está vinculada ao mundo do trabalho e da prática social” (CARNEIRO, 2002, p. 32), e ainda oferece os dois mais importantes princípios da afetividade e amor no âmbito escolar, que é o respeito à liberdade e o apreço à tolerância, inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. A educação, de acordo com a LDB é bastante abrangente em relação ao processo formativo da criança que começa com o seu desenvolvimento na convivência familiar, e disciplina a educação escolar que se desenvolve, predominantemente por meio de instituições educacionais.

Os princípios e fins da educação nacional, conforme a LDB em seu artigo segundo, prescreve que “a educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana” (idem, p. 45), cujo objetivo é o pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para a cidadania.

#### 4.4 PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases Nacionais estabelece em seus artigos 9º e 87 (2002, p. 61 e 201), respectivamente, que cabe a União a elaboração do Plano, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, e institui a década da educação. Estabelece, ainda, que a União encaminhe o “Plano Nacional da Educação” ao Congresso Nacional, com diretrizes e metas para dez anos, sempre em consonância com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

O Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/2001, traça diretrizes e metas para a Educação no Brasil e tem prazo de até dez anos para que sejam cumpridas, e entre as principais metas estão: melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis; redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e permanência na escola, e a erradicação do analfabetismo.

Por se tratar de metas gerais para a educação da nação, o Plano Nacional da Educação, será preciso, como desdobramento, uma adequação às especificidades locais e definição de estratégias adequadas a cada circunstância, elaboração de planos estaduais e municipais.

#### 4.4 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

A proposta educacional expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - é a qualidade da formação oferecida a todos os estudantes, garantindo as aprendizagens essenciais à formação de cidadãos seguros e autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vive, e a escola se apresenta como o espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania.

A estrutura organizacional dos PCNs pautada nos Objetivos gerais do Ensino Fundamental estabelece as capacidades relativas aos aspectos cognitivos, afetivo, físico, ético, estético, de atuação e de inserção social, de forma a expressar a formação básica necessária para o exercício da cidadania.

O enfoque social dado aos processos de ensino e aprendizagem, segundo os PCNs (2001, p. 43), traz para a discussão pedagógica aspectos de extrema relevância, em particular no que se refere à maneira como se devem entender as relações entre desenvolvimento e aprendizagem; a importância da relação interpessoal nesse processo do desenvolvimento; a relação entre cultura e educação e o papel da ação educativa ajustado às situações de aprendizagem e às características da atividade mental construtiva do aluno em cada movimento de sua escolaridade. Aluno e professor são sujeitos no processo do conhecimento em um complexo processo interativo.

De acordo com os PCNs (2001, p.67), o professor consciente de que condutas diversas podem estar vinculadas ao desenvolvimento de uma mesma capacidade, tem diante de si maiores possibilidades de atender à diversidade de seus alunos. Assim, os objetivos se definem em termos de capacidades de ordem cognitiva, física, afetiva, de relação interpessoal e inserção social, ética e estética, tendo em vista uma formação mais ampla.

A capacidade afetiva refere-se às motivações, a auto-estima, a sensibilidade e a adequação de atitudes no convívio social, estando vinculada à valorização do resultado dos trabalhos produzidos e das atividades realizadas. Neste contexto, a capacidade afetiva está estreitamente ligada à capacidade de relação interpessoal que envolve compreender, conviver e produzir com os outros, percebendo distinções entre as pessoas; autenticado pelos PCNs (2001, p.67), que “o desenvolvimento inter-relação permite ao aluno se deslocar do ponto de vista do outro e refletir sobre seus próprios pensamentos”.

Diante do exposto, foi possível observar que a educação brasileira tem respaldo em diversos preceitos legais, e o Ministério da Educação e Cultura – MEC, na pessoa de seu

ministro e auxiliares lutam para que o país tenha uma educação de qualidade, com crianças e jovens cada vez mais bem preparados para auxiliar no exercício de sua cidadania, e no crescimento da nação.

## 5 PROBLEMAS EMOCIONAIS

A vida humana é tecida de tal forma que, em determinadas situações e momentos, ela gira sem cessar, dentro de um círculo infinitamente matizado de afetos contraditórios. A educação talvez não consiga transformar a natureza íntima dos processos afetivos, isto é, alterá-los na parte em que dependem do temperamento nato do indivíduo, mas de algum modo pode modificá-lo, quando no meio social, podem as tendências naturais ser estimuladas, podendo ficar mais rigorosas ou ser reprimidas.

O disciplinamento das manifestações afetivas é, sem dúvida, uma das tarefas pedagógicas mais árduas e mais sobrelevadas.

De acordo com Aranha (1989, p. 226), Sigmund Freud, pai da psicanálise, demonstra preocupação em descobrir o sentido de todo ato humano, que repercute no pensamento contemporâneo, inclusive na pedagogia, que ajuda a compreender melhor as relações interpessoais entre os alunos e as outras pessoas envolvidas no processo educacional

Os problemas emocionais e sociais podem desempenhar um papel importante nas dificuldades gerais de aprendizagem e no rendimento e, nesse processo, segundo Campbell (1993, p. 120), é muito importante levar em conta a influência da família e da escola.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem, em relação aos que não têm, podem apresentar problemas emocionais, falta de habilidades sociais e problemas de conduta, que na escola podem se manifestar em forma de ansiedade ou de angústia, acompanhadas de manifestação de tristeza, choro, retraimento social, dificuldade em estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldade de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas. (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 2004, p.115).

De acordo com Campbell (1993, p. 122) diferentes estudos indicam que problemas escolares constituem uma fonte de preocupação para os pais e os professores e, além disso, as crianças apresentam pior rendimento que os colegas nas medidas acadêmicas e, são menos competentes socialmente e tendem a apresentar mais problemas de conduta no ambiente escolar.

### 5.1 EQUILIBRIO AFETIVO

Existe um fator afetivo extremamente importante que pode se fortalecer pela educação formal, que é a “empatia ou a capacidade de colocar-se no lugar do outro, de

compartilhar seus sentimentos e de estar emocionalmente inclinado à cooperação e à ajuda” (WALLON, 1986, pag.127).

Falar de afeto na educação é falar da importância de se atentar para a qualidade de relações que se estabelecem entre professores e alunos e todos os demais envolvidos no processo ensino aprendizagem.

Dentro do processo educacional há de se colocar como fundamental a importância de perceber o ser humano como um todo, quando sentimento-corpo-razão têm um significado muito maior do que dentro de um enfoque analítico e segmentado de cada parte, desta forma o aluno se sentirá seguro.

Para que uma criança se sinta equilibrada emocionalmente, é preciso haver afeto dentro do ambiente educacional. É preciso respeitar as diferenças, abandonar o pré-conceito, vontade de ensinar e aprender com o aluno e não exercer poder; saber ouvir, ter equilíbrio emocional nas adversidades, coerência, clareza de objetivos e saber elogiar em lugar de priorizar os erros. São dados fundamentais na construção de uma relação afetiva do professor com seus alunos.

## 5.2 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

O desenvolvimento cognitivo da criança é condicionado tanto pela maturação orgânica, como pelo exercício funcional, propiciado pelo meio. Segundo Wallon:

O que permite à inteligência essa transferência do plano motor para o plano especulativo não é evidentemente explicável no desenvolvimento do indivíduo (...) mas nele pode ser identificada [a transferência] (...) são as aptidões da espécie que estão em jogo, em especial as que fazem do homem um ser essencialmente social. (1986, p.131)

A integração entre as dimensões motora, afetiva e cognitiva, conceito central da teoria de Wallon, é claramente descrito por Mahoney:

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva do outro. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa. (2000, p. 15)

Segundo Wallon (1986, p. 126), os pais, os educadores e as próprias crianças devem compartilhar uma visão positiva do ser humano e de suas possibilidades. Encontrar sentido

para a vida, e sentir-se em um mundo acolhedor, acompanhado por seres humanos que têm recursos que lhes permitam também ser pró-sociais e, em determinadas situações, altruístas. Tudo isso é muito importante para sentir-se querido e aceito para fazer o esforço de descobrir os melhores recursos próprios, mentais e emocionais, e pô-los a disposição da colaboração e da ajuda.

### 5.3 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO E A AFETIVIDADE

A afetividade está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelas pessoas no relacionamento com o outro, por toda a sua vida, desde o seu nascimento. Por isso, o afeto usado como estratégia no rendimento escolar, pode ter resultado positivo no processo ensino aprendizagem e no desenvolvimento de responsabilidade centrada na tomada de decisões.

Ao ingressar em instituição educacional, a afetividade torna-se evidente e incondicional a sua influência no sucesso da aquisição do conhecimento no processo ensino aprendizagem, na relação professor e aluno. Paulo Freire afirmou:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora (...). Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre o que teríamos de refletir seriamente. É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou de formação, seja negligenciado (FREIRE, 1996, p.43).

Cada gesto e atitude do professor, sua linguagem, forma de tratamento e como orienta seu aluno, interferem diretamente no processo de ensino aprendizagem. As palavras e os gestos de carinho possuem um papel fundamental na relação afetiva entre educador e educando, com reflexos positivos ou negativos na aquisição do conhecimento.

Falar de afetividade na esfera educacional, mais precisamente na relação professor e aluno, é falar de como lidar com as emoções, com a disciplina e com a postura do conflito entre o eu e o outro. O professor precisa estar atento e consciente de sua responsabilidade como educador, e não permitir que o ambiente da sala de aula, se mostre frio, severo e hostil, mas um local ameno e amigável. O professor precisa compreender o aluno e seu universo sócio-cultural, pois o lado intelectual caminha de mãos dadas com o lado afetivo. Considerando esses pontos discutidos, o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de respeito mútuo e de troca de solidariedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da realização deste trabalho, foram encontrados muitos argumentos de autores renomados da área pedagógica e psicológica os quais vieram confirmar este estudo no que diz respeito ao aspecto afetivo na relação professor e aluno, como elemento essencial na vida do educando e no processo ensino-aprendizagem. Foi possível, também, compreender que afetividade é um componente da vida humana que também passa por processo de aprendizagem, e que o domínio das emoções é desenvolvido tanto quanto o processo cognitivo. Por isso, é preciso que a afetividade se desenvolva e seja praticada, para evitar, inclusive, condutas inadequadas, antissociais ou violentas.

Através do estudo bibliográfico e da vivência em instituição educacional, possibilitou a conclusão de que afetividade não é um tratamento meloso, fantasioso que atribui a outras qualidades ou habilidades que o professor não possui, e sim procurar entender o aluno como sujeito integral corpo e mente, razão e emoção. É ajudar o aluno a superar suas carências sem que se sintam diminuído por isso; é mostrar-se amigo, companheiro, disposto a caminhar junto; é respeitar a criança e inclusive puni-la, quando necessário.

Foi possível perceber, também, que os valores humanos, aqueles que tratam da convivência calorosa e fraterna foram deixados de lado, por “falta de tempo”, dentro das próprias famílias. Assim a criança ou adolescente que frequenta a escola, principalmente nas series iniciais do Ensino Fundamental, são carentes de afeto no sentido mais amplo, quando todos os aspectos da sua individualidade deveriam ser atendidos e considerados, para que eles se sintam valorizados e encorajados a prosseguir na sua luta diária com vistas a adquirir condições de ser alguém melhor.

Trabalhar pensamentos e sentimentos requer dos profissionais da educação a disponibilidade para se aventurarem por novos campos de conhecimento e da ciência, de realizar articulações que a temática solicita. Eis uma nova e difícil empreitada que exige coragem para enfrentar um grande desafio, que é contribuir para uma melhor qualidade de vida, e a excelência em educação para nossas crianças, que representam o futuro da nação brasileira. Portanto, o disciplinamento das manifestações afetivas é, sem dúvida, uma das tarefas pedagógicas mais árduas e mais sobrelevadas, que o educador precisa desbravar a cada dia na maestria do ofício de mediador da aquisição do conhecimento.

Dentro desse contexto, pode-se observar que nenhum trabalho educativo sério pode ignorar que a afetividade é um componente essencial da vida humana e, como tal, deve ser

tratado nos projetos e propostas, tanto nas esferas gestoras como nas propostas profissionais individuais de cada educador.

Ao realizar este trabalho de pesquisa, foi possível constatar que há necessidade de uma relação afetiva dentro do processo ensino aprendizagem, principalmente nas instituições educacionais. E, que as partes envolvidas no processo educacional precisam atuar de maneira coerente com aquilo que acreditam, e assim contribuir para a melhora da educação.

Diante de tudo quanto foi exposto, é possível concluir que afetividade e a relação professor aluno dentro do contexto educacional, é um assunto que não pode ser esgotado nunca, pois é um valoroso e importante trabalho, e que poderá possibilitar o engrandecimento e formação integral da criança.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. F. **O lugar da afetividade e do desejo nas relações ensinar-aprender.** Temas em psicologia. Ribeirão Preto. Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993, v.1.
- ARANHA, M. L. A. **História da Educação.** São Paulo: Moderna, 1989.
- ARANTES, V. A. **Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na Educação.** Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>, acesso em 9/10/11 às 22:10h.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Org. Juarez de Oliveira. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 1996.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** 3 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- CAMPBELL, S. B. **Psicopatologia infantil.** Barcelona: Martin Roca, 1993.
- CARNEIRO, M. A. **LDB Fácil.** 7 ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 2002.
- CODO, A. GAZZOTI, H. **A afetividade em um recorte contemporâneo.** São Paulo: Perspectiva, 1999.
- COLL, C.; MACHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- DANTAS, H. **Perspectivas para a aplicação da afetividade em sala.** São Paulo: Brochura, 1992
- DORIN, L. **Psicologia a Criança.** São Paulo: Brasil, 1978
- FERNANDEZ, E. **A Educação e a Construção de um Juízo Moral e Ético.** Porto Alegre: Artmed, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, R.J: Vozes, 1995.
- LA TAILLE, Y., OLIVEIRA, M. K., DANTAS, H. **Piget, Vigotsky, Wallon:** Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: SUMUS, 1992.
- LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1995.
- MAHONEY, A., ALMEIDA, L. (orgs). **Henri Wallon:** Psicologia e Educação. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- PCN – **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS:** Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

PEDROSA, J. C. A.; NAVARRO, A. **Metodologias da Aprendizagem**. São Paulo: Grupo Cultural, 2000.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2005.

WALLON, H. **Conclusão Geral do Livro “Origens do Caráter na Criança”**. In Nabel. Brufert. J.&Werebe. M.J.G. Henri Wallon (antologia). São Paulo: Ática, 1986.

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/.../constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/.../constituicao.htm) - acesso 20/01/2012 às 16:00 h.

[www.culturabrasil.org/direitosdacrianca.htm](http://www.culturabrasil.org/direitosdacrianca.htm) - acesso 20/01/2012 às 16:30 h.